

● ENTREVISTA

“Treino específico de pilotos atrasou entrada da Ryanair”

Eddie Wilson, CEO da Ryanair

MIGUEL FERNANDES LUÍS
mfluis@dnoticias.pt

Há 20 anos que se falava na vinda da Ryanair para a Madeira. Porque é que tivemos de esperar tanto tempo para que isso se concretizasse? Para vir para a Madeira da forma como a Ryanair o faz é preciso ter massa crítica de voos, treino específico [de pilotos] para voar para aqui e ter uma boa operação. Há voos que divergem, há as infraestruturas para gerir atrasos e divergências de voos. Essa foi uma parte do problema. Mas temos estado a crescer pela Europa e há locais onde não ficámos na primeira abordagem. Tenho pena de não termos chegado mais cedo mas por vezes o melhor vinho é conseguido no fim. É o caso do Vinho Madeira.

Nos primeiros anos do novo milénio, o Governo Regional disse que a Ryanair exigia demasiados apoios públicos para iniciar esta operação e que a Madeira não os conseguia suportar. Não. Não foi isso. Muito [do que impedia a entrada da Ryanair] era operacional. Há treinos específicos que temos de fazer para vir para a Madeira. Hoje temos uma operação em Portugal que nos permite fazer isso.

A Ryanair iniciou os seus voos há 17 dias. Qual é a primeira avaliação dos resultados da operação e quais as rotas de maior sucesso? É muito cedo para dizê-lo. Acabámos de começar. Quando uma rota não está a correr tão bem, nós estimulamos com tarifas mais baixas para encher o avião. A única coisa que a Madeira tem de se preocupar é que enchamos os aviões para que os turistas quando chegam aqui gastem o seu dinheiro. É assim que o mercado funciona. Nós vamos transportar 165 milhões de passageiros neste ano. Doze milhões de passageiros são em Portugal e 750 mil serão para a Madeira. Há um grande crescimento e conseguimos-lo porque temos os menores custos, que se traduzem em tarifas baratas e são estas que atraem passageiros. É assim que funciona o nosso modelo de negócio, que vai ser muito vantajoso para a vossa economia.

Como é que estão as reservas para os próximos meses? À saída de uma pandemia, estamos com taxas de ocupação (‘load factor’) dos aviões de 87% na rede geral da Ryanair. Teremos de voltar aos 95%. Isso



Director da companhia irlandesa prefere que não se mexa no sistema do subsídio de mobilidade. FOTO RUI SILVA/ASPRESS

está a ser conseguido lentamente, após a pandemia. Mas no Verão de 2022 vamos estar com 115% do que estávamos no Verão de 2019. Ou seja, no pós-pandemia já estamos quase 20% acima. Vamos ter mais 65 aviões no próximo ano e outros tantos no ano seguinte. Queremos ter o máximo de aviões que pudermos na Madeira.

A guerra na Ucrânia não vai estragar esses planos? A guerra na Ucrânia é uma absoluta tragédia. Inicialmente, as pessoas ficaram chocadas e as reservas baixaram 20%. Mas já recuperaram e parece que as viagens de Verão não serão afectadas. No ano passado tivemos a Omicron [Covid-19], depois a guerra da Ucrânia e depois a subida dos preços do petróleo. Mas o maior operador de viagens baratas, que é a Ryanair, vai manter o seu crescimento e o seu compromisso com a Madeira.

O Aeroporto da Madeira tem um problema com ventos nalguns dias do ano. Não é um problema assim tão grande. Há muitos desafios em aeroportos com condições únicas de tempo e que obrigam voos a divergir. Nas

“DIVERGIR VOOS PARA PORTO SANTO PODE NÃO SER UMA DECISÃO INTELIGENTE”

ilhas gregas há ventos fortes. Nos voos na Polónia, Suécia e Noruega temos neve. Há diferentes condicionantes em diferentes aeroportos. A Madeira exige treino especializado e todos os nossos pilotos baseados em Lisboa, Porto e Funchal vão ter essa certificação para aterrar aqui. Isso garante-nos grande flexibilidade e se houver um dia ventoso temos capacidade em Lisboa e Porto para resolver isso. Temos melhor capacidade para lidar com isso do que qualquer outra companhia, porque temos mais aviões. As pessoas não ficarão aqui retidas por uma semana. Não faremos isso, até porque custa caro pagar para alojar passageiros em hotéis. À medida que formos crescendo, verão que somos os melhores a lidar com disrupções. Os problemas relacionados com o vento e a divergência de voos são bem conhecidos e mesmo assim decidimos vir para a Madeira e viemos para ficar.

No arranque das operações, a 29 de Março, houve voos cancelados e queixas de falta de informação aos passageiros. Como é que a vossa companhia conta lidar com essas situações?

Quando os voos são divergidos, leva sempre tempo a retomar a operação. A maioria das pessoas tem a ‘app’ [aplicação para telemóvel] da Ryanair, que dá todas as informações actualizadas, como a divergência de voos e quando têm de ir para um hotel. Fazemos tudo isso de forma electrónica, a partir do nosso centro operacional em Dublin. É sempre difícil lidar com disrupções, mas o nosso pessoal faz um trabalho muito profissional.

O que acha da possibilidade do aeroporto do Porto Santo vir a ser uma base alternativa quando o Aeroporto da Madeira está inoperacional? É uma possibilidade. Mas lá porque as pessoas estão geograficamente mais próximas não significa que conseguimos trazê-las mais rapidamente para a Madeira. As vezes é melhor levá-las de volta ao aeroporto de origem. Para uma pessoa de fora do sector da aviação, divergir para o Porto Santo pode parecer a escolha acertada, mas pode não ser a escolha mais inteligente no sentido da recuperação da operação.

As viagens das companhias concorrentes baixaram desde que a Ryanair começou a voar para a Madeira. Ficou surpreendido com isso? Não, porque é o que acontece em todo o lado. O que acontece é que se impõem preços a toda a população portuguesa. Depois entra a concorrência e acontecem duas coisas: baixam os preços e tornam-se mais eficientes no mercado ou deixam o mercado.

Na Madeira fala-se da alteração do subsídio de mobilidade, no sentido de que os residentes paguem até 86 euros no momento da compra da viagem e de o Estado reembolsar o restante directamente às companhias aéreas num momento posterior. O que acha dessa possibilidade? O actual sistema é o melhor, porque quem é elegível para o subsídio são as pessoas residentes e não as companhias aéreas. As companhias aéreas não estão preparadas para identificar quem é cidadão residente na Madeira. O actual sistema é o melhor, até para os contribuintes portugueses, porque é menos passível de fraude.

A Easyjet já avisou que se o sistema de reembolso mudar, deixa de operar na Madeira. Esse também será o caso da Ryanair? Nós falámos com o Governo Regional e acreditamos que o sistema não vai mudar, porque é melhor gerido pelo governo do que pelas companhias aéreas.

